

A liberdade da linguagem do desejo do corpo na alma: a doutrina do amor em Hadewijch da Antuérpia e em Ricardo de São Vítor

Maria José Caldeira do Amaral¹

Resumo: No corpo da literatura vernacular medieval, a obra (poemas, visões e cartas) de Hadewijch da Antuérpia, beguina que viveu no século XIII alcança, de acordo com vários estudiosos modernos, o status de uma obra respeitada e construída a partir de um conhecimento profundo, com significativa sustentação psicológica na linguagem de sua experiência de ascese, contemplação e ação, a partir da inserção natural de um saber fundamental próprio de autores medievais e pré medievais dentro do escopo *scholar* do Cristianismo Ocidental. Essa comunicação tem como objetivo principal, desenvolver e apontar, analogicamente, no conteúdo intrínseco de sua obra poética e profética, sua doutrina de que é preciso viver o Amor. Mas, para ela, diferente de muitos autores medievais, a experiência de amar e desejar Deus não abarca a beatitude e o arrebuo do êxtase somente. O desejo associado à experiência do amar expõe, em toda sua obra, o conhecimento da maior e principal pulsão humana como provedora do conhecimento. O desejo traduzido como falta e o amor traduzido como abismo inclui a ausência desse Amor, como a mais profunda e essencial experiência humana provedora de conhecimento. Como Ricardo de São Vítor - Prior na Escola de São Vítor e discípulo do eminente mestre Hugo de São Vítor, Hadewijch da Antuérpia sofre de um amar como impossibilidade da satisfação do amor como a forma mais alta de amor. A condição da alma fervorosa e ardente que conhece o desejo do amor pelo Amor como negação (conceito esse já desenvolvido por Gregório de Nissa, Pseudo Dionísio, Máximo Confessor e Gregório Palamas) é aquela condição que supõe a experiência de desejo como uma experiência que já não pode ser satisfeita de nenhum modo. Sedenta e faminta, a alma experimenta a perturbação, a tortura sem piedade e todas as condenações e destruições das quais o amor é capaz. O tormento e a loucura estão disponibilizados nos registros de Hadewijch da Antuérpia e de Ricardo de São Vítor em “Os quatro graus do amor violento”, atendendo à ideia de que a linguagem de ambos experimenta o desespero na veemente incidência da impossibilidade da alma mística cristã desconhecer e não experimentar o desejo daquele Amor, que é absoluto na alma inquieta que conhece a liberdade. Somente a renúncia livre de Deus à sua própria deidade concede a licença para a liberdade da alma e do corpo humanos. De corpo e alma, o homem e a mulher que sabem o Amor, livres e atormentados, enlouquecem, ainda que conscientes de sua loucura, e enfrentam o drama de suas escolhas e a impossibilidade em provê-las diante das exigências do Amor vivido em ausência.

Palavras-chave: Hadewijch da Antuérpia; Ricardo de São Vítor; Experiência mística; Amor.

Por isso nunca senti amor, a não ser como uma morte sempre nova,
até que o momento de minha consolação chegou e Deus me concedeu
conhecer a perfeita dignidade do amor: amar a humanidade na Divin-
dade e conhece-las em uma única natureza.

Hadewijch da Antuérpia

1 Psicóloga Clínica, Mestre e Doutora em Ciências da Religião PUC/SP, Pós-Doutoranda em Teologia na PUC/PR e Pesquisadora do LABO/FUNDASP/PUC/SP. Livros Publicados: *Imagens de Plenitude na Simbologia do Cântico dos Cânticos*, EDUC/FAPESP, São Paulo, 2009 e *Eros e ágape – Minne: Amar e Desejar Deus na luz Fluente da Deidade de Mechthild de Magdeburg*, São Paulo, Editora Reflexão, 2014. E-mail: ze-zeamaral@uol.com.br

Estamos no século XII, XIII da era cristã. A experiência direta de Deus ou a consciência direta de Deus - conceito apreendido aqui de Bernard McGinn (2003, v.I) - ultrapassa o claustro e as ordens religiosas oficiais. Beguinhas, mulheres compromissadas com o amor no mundo, o cuidado aos doentes, aos desgraçados, aos pobres e necessitados, aos desaconselhados - essas mulheres religiosas amavam Deus e sabiam o que havia ser isso. Elas emitem suas vozes no esforço da linguagem vernacular para falar do Amor. Segundo a maioria dos pesquisadores hoje, Hadewijhc sofreu muito por ter sido exilada de sua comunidade de Beguinhas; foi descartada e despejada por causa de sua doutrina, em síntese, de que é preciso viver o Amor. Acusada de quietismo, confusão moral, descomprometimento com a responsabilidade moral humana. Depois disso residiu de favor em alguns Beguinatos e no final da vida ajudava com os doentes em hospitais, onde podia ir á capela e rezar e dormir um pouco a noite em algum canto. Todas as informações que temos sobre Hadewijch são pesquisadas a partir de sua obra, principalmente de suas cartas, composta por 4 manuscritos: O primeiro contém 45 poemas em Estrofes (*Strophische Gedichten*) adaptados na linguagem do amor lírico cortês trovadoresco, na qual o cavaleiro, a serviço de Deus, é portador do amor (*minne*) da dama. Hadewich expressa, desta forma, sua experiência espiritual pessoal. O segundo manuscrito está composto em 29 poemas em duo (*Mengeldichten*) caracterizados por uma discussão sobre a natureza da verdade no amor (*minne*) e sobre o que o amor exige de nós. Hadewijch se coloca, nesse lugar, como alguém que ensina. O terceiro é um livro de visões (*Visioenenboek*), está escrito em prosa e é um registro de revelações próprias. As narrativas excessivas e extáticas são comparadas aos registros das mulheres santas de Liège. O encontro de Hadewijch com Cristo, enquanto seu noivo divino, é descrito em termos físicos e muitas de suas visões são apocalípticas em sua natureza. E, finalmente, o quarto manuscrito contém 31 cartas (*Brieven*) doutrinárias e intencionais apesar de seu caráter pessoal. As cartas e as visões de Hadewich são vistas como complementares por alguns pesquisadores (RUH:1993, v.II, p.209) que formalizam o êxtase contemplativo em momentos de graça e antecipam o amor (*minne*) no contexto de tormento, exílio e miséria mundana.

Ricardo de São Vitor² foi fiel à sua escola teológica³ pelo fato de descrever um estado amoroso contemplativo visceral da alma humana como um desejo indiscutível que sustenta e conduz o amor como uma das principais conquistas morais do homem medieval em nossa civilização ocidental. **Os quatro graus do amor violento** descreve uma fenomenologia de um amor indiscriminado entre dor e gozo como uma realidade que subsiste e é pressentida pela alma e por sua própria indeterminação. Na escola medieval da abadia de São Vitor estava explícita a compreensão da insaciabilidade do desejo humano como a atração da alma humana por algo infinito, absoluto, apontado pelo desgosto experimentado na condição existente humana insatisfeita e impotente, pois nada do que lhe é dado é capaz de satisfazê-la.

A doutrina do Amor, postulada por Hadewijch em suas obras, sustenta que o Amor segue paralelamente aos fenômenos da vida psíquica que podem ser permeados por arrebatamentos espirituais, ainda que a realidade psíquica não alcance o Amor na mesma medida que a realidade espiritual alcança a realidade psíquica. É a realidade espiritual do Amor que triunfa sobre a realidade psíquica e física do amor e é nessa apreensão que se colocam a linguagem de Hadewijch da Antuérpia e de Ricardo de São Vitor. É como se, dentro da alma, o mundo espiritual e o mundo natural se debatessem continuamente e, no corpo dessa linguagem, esse debate se configura como a maneira mais fiel a uma aproximação no sentido literal do desejo, da falta, da ausência. A visceralidade das sensações na linguagem do desejo⁴ e da ausência aponta para o nada, para o silêncio, para a incompreensível inexorabilidade da alma fadada ao desejo do Amor.

A liberdade da linguagem do desejo do corpo na alma é o subsídio orgânico da experiência do Amor de Deus ou do toque de Deus no triunfo desse amor sobre a alma. Para María Tabuyo Ortega, a visão e a iniciação se produzem no triunfo do Amor – dinâmica espiritual; a união se dá na alma, fora do espírito na medida em que a alma é absorvida pelo Amor e

2 Pouco se sabe sobre a vida de Ricardus de Sancto Victore, a não ser a data de sua morte – 10/03/1173 – e que provavelmente sua origem é escocesa. Ocupou o cargo de professor e prior na Escola de São Vitor. O Cânone da Escola é atribuído à Hugo de São Vitor, mas o mérito de Ricardo está na profundidade de seu pensamento, além de ter sido, e porque foi considerado, o mais importante místico dessa Escola.

3 A escola dos Vitorinos ou escola de São Vitor tem sua origem em 1108: escola interna e externa, contemplativa e ativa, herdeira da tradição e partidária das reformas, espiritual e intelectual, *Sapiência e Ciência* (*sapientia e scientia*). A teologia de São Vitor desenvolvida a partir de Hugo de São Víctor (1095- 1141) se constrói na leitura das Escrituras, no desenvolvimento da hermenêutica e da filosofia, teologia da história e mística contemplativa. Para Hugo de São Vitor o conhecimento precede o amor, mas uma vez que este se instala, faz calar o conhecimento. O amor é conhecimento transcendido. Se a ciência aborda o mistério, é o amor que o penetra. “[...] Como definiremos o amor? [...] um deleite de um coração a algo por causa de algo, que é desejo ao apetecer, gozo ao fruir, que corre pelo desejo e repousa pelo gozo. Por ele o coração humano é bom, e por ele o coração humano é mau; pois nem de outro modo será bom, se é bom, nem de outro modo será mau, se é mau, senão porque bem ou mal amamos o que é bom. Tudo o que é, é bom, mas quando aquilo que é bom é mal amado, isto não é bom e é mau. Nem quem ama é mau, nem o que é amado é mau, nem o amor pelo qual se ama é mau, mas amar mal é mau e nisso consiste todo mal. Ordenai, pois, a caridade, e já não haverá mais nenhum mal.” Cf. HUGO DE SÃO VICTOR, <http://www.accio.com.br/Nazare/1946/h-subsam.htm>, 2004.

4 **El language del deseo: Poemas de HADEWIJCH DE AMBERES**, Edición y Traducción de María Tabuyo, Editorial Trotta, Madrid, 1999. Um dos livros mais conhecidos de coletâneas das poesias de Hadewijch.

no instante em que o Amor penetra na alma. (Cf. HADEWIJCH DE AMBERES, 2005, p. 17) É nessa arena que a experiência mística se instala e se desdobra na liberdade da linguagem do corpo na alma e consagra um saber-se de si mesmo, um conhecer-se a si mesmo e um apropriar-se de si mesmo no estado e condição exilados porque distantes da plenitude e, ao mesmo tempo tendo conhecido e vivenciado esse estado de plenitude, o Amor consagra, em Hadewijch, a audácia e o desafio de uma sede insaciável e de desolação: “Se alternam assim o gôzo do amor, o furor do desejo, a languidez, o desconsôlo, e sempre a liberdade irresistível, a ousadia que impulsionam sempre mais além de sua Demanda.” (IBIDEM, p.35). Em sua sétima visão, o corpo protagoniza as sensações de Hadewijch no arrebatamento visionário iniciático, no triunfo do Amor sobre a alma e na consagração da humanidade e da divindade em Deus com Deus:

Na alvorada de um dia de Petecostes, tive uma visão quando assistia as matinais que eram cantadas na Igreja. Meu coração, minhas vênias e meus membros tremiam e se estremeciam de desejo; e como, em tantas ocasiões, senti em mim, em uma terrível tempestade, que se não fosse toda inteira de meu Amado e se ele não me preenchesse totalmente de si, eu enlouqueceria em minha agonia e a fúria do amor me mataria. O desejo de amor me atormentava e me torturava de tal forma que meus membros pareciam romper-se um por um, e minhas vênias, uma por uma, sucubiam a tanto esforço. Ninguém, que eu conhecesse, pôde expressar a languidez que vivi, e o que eu poderia dizer seria incompreensível para todos aqueles que não conheceram o Amor no desejo e aos que o Amor nunca conheceu. Direi portanto só isto: que desejava gozar plenamente do meu Amado, conhecê-lo e saboreá-lo sem reservas, sentir o gôzo perfeito de sua humanidade com a minha, e que a minha se estabeleceu na sua, fortalecida por sua integridade contra toda queda e sabendo favorecer perfeitamente na entrega pura, única e plena a toda virtude. Desejava que me satisfizesse com sua Divindade, sendo os dois um só em espírito, e que tivesse sido para mim tudo o que ele é, sem restrição alguma. Pois esse é o presente que escolhi com preferência a todos os dons que me foram oferecidos: satisfazer o Amado em uma entrega total. Não há maior satisfação que a de crescer e chegar a ser Deus com Deus, mas para isso é necessário suportar pena e sofrimento, exílio e dessabores constantemente renovados, desejando que cheguem e passem sem desgosto íntimo, não saboreando mais que o doce amor, as carícias, os beijos. Assim, eu desejava que Deus fosse plenamente meu, para ser eu dele e satisfazê-lo por minha vez. [...] Logo, permaneci abismada em meu Amado e me perdi nêle sem reservas, de modo que de mim nada foi deixado. Então fui transformada e arrebatada em espírito e tive uma revelação de várias horas. (HADEWIJCH DE AMBERES, 2005, pp. 79-81)

A loucura e a fúria do Amor são incompreensíveis para aqueles que não conheceram o Amor no desejo e aos que o Amor nunca conheceu. O amor em desejo torna-se uma possibilidade de conhecimento. O esforço do texto visionário em alcançar o sentido da liberdade da linguagem do corpo e da alma, atravessados pelo espírito, em languidez e desconsolo nada mais é do que o pressentimento da distância infinita que separa o que ele ama do que ele sente capaz de amar. Entregar-se totalmente a Deus em sua humanidade e apreender a deidade de Deus foi o dom original essencial e gratuito escolhido por Hadewijch. A alma é aniquilada e em sua nudez original, nada é deixado a ela e, só assim, é livre e torna-se o que Deus é. De acordo com Zum Brunn e Epiney- Burgard, essa é a experiência de Hadewijch, de Mechthild de Magdeburg, Marguerite Porete e Meister Eckhart:

Esse misticismo do abandono é expresso, de fato, como um dilema ontológico: a criatura deve se desfazer de ter sido criada, de sua condição de separação em nome de encontrar novamente sua verdade incriada e não separada de Deus; portanto, isso é o não desejo, que consiste em nada desejar para além de Deus, Ele mesmo, conduzindo a uma real aniquilação da alma configurada em seu próprio e egoísta modo de ser. Mas, ela perde a si mesma somente para encontrar a si mesma em um incomparável estado superior, vindo a ser, como Hadewijch disse, Deus com Deus, ou, como Meister Eckhart dirá, Deus em Deus. (ZUM BRUNN, EMILIE and GEORGETTE EPINEY-BURGARD, 1989, pp.97-139).

Os quatro estados do amor violento de que Ricardo de São Vitor também nos permite falar em uma condição humana, psíquica, fisiológica, portanto, contingente, como expressão da mais alta forma de amor: “Eu estou ferido de amor”. O amor atinge o coração “como um aguilhão de fogo que penetra medularmente a alma humana [...] quebra e exaure as forças até que subjuga e sujeita completamente a alma a si [ao amor]...” E com esse amor que queima a alma no primeiro estágio da afecção amorosa, assim se desdobra, nos outros graus, a sua veemência:

A violência do primeiro grau pode ser declinada, mas não pode ser superada, “mas a violência do segundo não pode ser vencida nem pela luta e nem declinada pela fuga. O homem cativo e gemente não possui saída e Ricardo de São Vitor invoca o salmo 141,5: *não há mais fuga para mim e não há mais ninguém que peça a minha alma*, para falar do segundo grau do amor violento. O melhor que a alma pode desejar, agora, é ser livre na impossibilidade de sua liberdade dentro da prisão dos laços do amor⁵ que continua fervente e não deixa a alma em repouso. E, o que pode ser mais veemente que essa veemência, se ela não pode ser declinada, nem superada? “O resga-

5 Mechthild de Magdeburg dirá que devemos ser mais livres do que livres para libertar os cativos. (Cf. AMARAL, 2014, p. 148-150)

te [a contra partida] do homem é sua magnificência (Pr,13,9), e esse amor absolutamente invencível passa a ser sumo, extrato e único; não pode ser superado por outro afeto e insere-se, inseparavelmente e indissoluvelmente à alma. E, o que pode ser mais violento que a sua violência, se é puro e único? O amor, agora, é soberano e eterno e chega ao terceiro grau quando exclui toda e qualquer outra afecção (*affectum*), quando ele não ama mais que somente um objeto que não é mais, somente, o motivo desse amor. O amor do terceiro grau violento é único (*unus amat*), é única diligência (*unum diligit*), única sede (*unum sitit*), desejo único (*unum concupiscit*). Por ela (*violentiae caritatis*), ele suspira, a ela ele aspira; por ela, ele queima e arde, e nela ele encontra seu repouso. Nela, somente, ele recupera sua força e dela se satisfaz. (Cf. AMARAL, 2014, pp. 132-137)

Na organicidade da respiração e da aspiração do amor único, única diligência que não pode ser declinada e nem superada e que é exigência da magnificência humana, ou seja, do triunfo do Amor sobre a condição da alma consorte, a insatisfação do desejo nessa alma é contínua, sem trégua e sem repouso no quarto grau da violenta caridade:

O quarto grau da violenta caridade é, portanto, quando o desejo da alma fervorosa já não pode ser satisfeito de nenhum modo. Este grau, por já ter excedido os limites da possibilidade humana, não conhece, como os demais, términos para o seu crescimento, porque sempre encontra o que ainda possa cobiçar. O que quer que haja, o que quer que faça, não satisfaz o desejo da alma ardente. Tem sede e bebe, no entanto, bebendo não extingue a sua sede, mas quanto mais bebe, mais ainda tem sede. A sede e a fome da alma ávida, ou melhor, insaciável, não é satisfeita, mas provocada quando seu desejo é alimentado pelo desejo. Neste estado o olho não se sacia pela vista, nem o ouvido se satisfaz com o ouvir, (na medida em que fala a um ausente ou vê um presente). Mas quem poderá explicar dignamente a violência deste grau supremo ou dignamente considerar a sua supereminência? O que poderá penetrar mais profundamente o coração do homem e atormentá-lo mais fortemente e molestá-lo mais veementemente? O que poderá ser mais molesto ou mais cruel quando pode moderar sua sede resistindo ou extinguir inebriando? Admirável e miserável voracidade, que por nenhuma diligência é expulsa, nem sedada por nenhuma satisfação. (RICHARD DE SÃO VICTOR, 1955, pp. 130-144)

Na carta XXIX de suas *Brieven*, Hadewijch fala do desejo insatisfeito mantido nela:

O desejo insatisfeito que meu Amor sempre manteve em mim, o de-

sejo de gozar dele, atormentou-me e feriu-me no peito e no coração: *in armariolo* e *in antisma*. *Armariolo*: esta é a mais interior das artérias do coração, a que permite amar. *Antisma*: é o mais interior dos espíritos vitais, o que experimenta as paixões profundas. (HADEWIJCH DE AMBERES, 1989, p. 191)

Na doutrina do Amor de Hadewijch e de Ricardo de São Vitor a condição humana exposta na linguagem visceral, arterial, cardíaca e fervente leva ao lãguído, ao desvanecimento e ao desfalecimento da alma. Uma linguagem orgânica de experimentar Deus que dispõe do Amor como luz. Esse Amor é incapaz de ser conceituado a não ser pela condição de sua nudez. O Amor nu, sob a pele transparente da vida da vida da alma iluminada pela centelha divina ativa o conhecimento como suplica e revelação no mais profundo do nosso ser, revelação que atravessa os sentidos e a razão humana, mas para além dos sentidos e da razão dispõe a experiência de Deus na luz de uma anatomia amorosa transparente. Assim, Hadewijch postula em seu poema XXVII de seus poemas em duo (*Mengeldichten*):

Uma nobre claridade suavemente brilha dentro de nós
 E quer ser acolhida no descanso fiel.
 É a centelha divina, vida da vida da alma,
 Sempre unida à Fonte divina,
 Na que Deus faz sua luz eterna brilhar.

Revelação no mais secreto do nosso ser
 Que nem razão, nem sentidos podem compreender
 A não ser o amor nu.
 Quem o recebe são sobrenaturalmente transformados
 Pela chispa interior,
 Em simples conhecimento divino.

O acidental e o múltiplo
 Nos tomam simplicidade.
 Como disse São João no Evangelho,
 Essa luz brilha na escuridão
 E sua claridade não é compreendida
 Pela obscuridade.

Se tivéssemos chegado a essa claridade
 Frente a seu rosto, vazios e livres
 De todo modo, de toda coisa
 Que se aprenda se conte ou esconda,
 No seio do abismo sem fundo.
 Veríamos a luz em sua luz.

(HADEWIJCH DE AMBERES, 1999, pp. 144-145)

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS:

HADEWIJCH DE ANTWERP. Brieven. Antwerp: Ed. Joseph van Mierlo, 1947.

HADEWIJCH. The complete Works from The Classics of Western Spirituality – A Library of the Great Spiritual Masters, Mahwah, N.J., Paulist Press, 1980.

HADEWICH DE AMBERES. Deus, Amor e Amante. Tradução Roque Frangiotti. (Série Espiritualidade). Cartas traduzidas do antigo médio-neerlandês e apresentadas por Pablo Maria Bernardo sob o título: Dios, amor y amante. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

HADEWIJCH DE AMBERES. El lenguaje del deseo: Poemas de

HADEWIJCH DE AMBERES, Edición y Traducción de María Tabuyo, Editorial Trotta, Madrid, 1999.

HADEWIJCH DE AMBERES. Visiones, Edición e Traducción de María Tabuyo Ortega, Medievalia, José J. de Olañeta Editor, Barcelona, 2005.

REFERÊNCIAS:

AMARAL, Maria José Caldeira do, Eros e Ágape – Minne: Amar e Desejar Deus na luz Fluente da Deidade de Mechthild de Magdeburg, São Paulo, Editora Reflexão, 2014.

HUGO DE SÃO VICTOR, A Substância do Amor. Texto em português posto à disposição pela Abadia de Saint-Victor em <http://www.accio.com.br/Nazare/1946/h-subsam.htm>. 2004.

McGINN, Bernard. The foundations of mysticism. The presence of God: A history of Western Christian Mysticism. v.I. New York: Crossroad, 2003.

McGINN, Bernard. The Flowering of Mysticism: Men and Women in the New Mysticism (1200-1350). The presence of God: A history of Western Christian Mysticism. v. III. New York: Crossroad, 2003.

RICHARD DE SÃO VICTOR. De IV gradibus violentae caritatis. In: ____ Lês Quatre Degrés de La violente charité. Text critique avec Introduction, Traduction et notes due Gervais Dumeige. Paris: Vrin, 1955.

RUH, Kurt. Frauenmystik und Franziskanische Mystik der Frühzeit. *Geschichte der abendländischen Mystik*. vol.II. Munich: Beck, 1993.

ZUM BRUNN, EMILIE AND GEOGETTE EPINEY-BURGARD. Women Mystics in Medieval Europe, New York: Paragon, 1989.